

Mirando a praça e a vida

A porta do escritório do vendedor de consórcio Cláudio Santana tem grades, mas a janela ainda está livre para exibir a paisagem mais característica da cidade. De onde também se vê a violência

» ISAÍAS MONTEIRO

Cláudio Santana, de 39 anos, vende consórcios em um escritório no segundo andar de um prédio comercial no centro de Taguatinga. Como nas demais salas do edifício, as portas têm grades. Menos mal que as barras de proteção não fiquem nas janelas da sala. Assim, ele e o único colega de trabalho podem ver, tranquilamente, a Praça do Relógio.

Infelizmente, nas portas, a segurança é necessária. Ali, Cláudio já foi alvo de uma tentativa de assalto. Mas o rapaz não se revela amargo ou assustado após a difícil experiência. Ao contrário, prefere destacar os momentos de solidariedade que presenciou dali, amostras de um espírito de cidadania que ele reconhece em muitos moradores da cidade.

Instalado no escritório há um ano, Cláudio trabalha como representante comercial de três empresas de consórcios. Os sorteios incluem carros, imóveis e caminhões. Para ele, o atendimento personalizado propicia a fidelização do cliente, devido ao maior tempo disponível para o vendedor pesquisar e analisar cada caso — de acordo com o vendedor, um bom método para equilibrar os grupos de consórcio e reduzir a ação do acaso no investimento. “Cada cliente é uma moedinha no meu cofre, cada um deles é importante”, considera.

Desde o início da vida profissional, há 22 anos, Cláudio trabalha com produtos financeiros. “Comecei adolescente, nem podia trabalhar, mas fui dedicado e gostaram do meu serviço”, recorda. Em duas décadas, já precisou viajar para atender pessoas na Bahia e em Mato Grosso, além de viver experiências como gerente. No imóvel

Fotos: Daniel Ferreira/CB/DA Press



Cláudio aproveita as raras folgas para espiar a praça

atual, aproveita pausas nas tarefas diárias para espiar a praça. “Vi muitas cenas negativas e positivas. Prefiro as lembranças boas.”

Entre as memórias agradáveis, cita uma passagem no último

carnaval, quando uma mãe recuou o filho com o auxílio de pedestres. “Ela atravessava a pista, trazendo uma criança no colo e outra pela mão”, relata. “Na travessia, a criança que caminhava

tropeçou. Outra pessoa veio, ajudou a criança caída e parou os carros. Foi uma grande generosidade.” Outro fato marcante ocorreu no fim do ano passado. Cláudio viu um cachorro saltar de um

carro em movimento, para desespero dos donos, mas transeuntes salvaram o cão do atropelamento.

Na lista de cenas reprováveis, o corretor de consórcios enumera três roubos, nos quais criminosos levaram bolsas de vítimas que passavam pela praça, durante a tarde. “Por ser um centro, é um lugar visado pela criminalidade”, avalia. Dali, também observou motoristas correndo de volta a carros estacionados irregularmente, para evitar multas. “Deixam o carro no meio da pista”, critica.

Numa noite de dezembro do ano passado, o observador tornou-se vítima. Por volta das 19h, perto de encerrar o expediente, quando os outros inquilinos do prédio comercial haviam fechado suas salas, um homem armado

subiu as escadas do edifício. Ao chegar à porta da franquia de consórcios, levou a mão à cintura, sinalizando estar armado. Cláudio se refugiou no banheiro do imóvel. O assaltante fugiu. Para o vendedor, o bandido pode ter pensado que ele buscava uma arma. Assim terminou o drama.

A Secretaria de Segurança Pública aponta queda no total de ocorrências registradas em Taguatinga, com base nos dados de quatro delegacias — 12ª, 17ª, 21ª e 38ª. No segundo semestre de 2010, houve registro de 5.238 ocorrências criminais, queda de 19,5% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Da janela de seu escritório, Cláudio vê esses números se tornarem realidade na Praça do Relógio.

JANELA DA CASA DO CANTADOR

Pelas janelas da Casa do Cantador, em Ceilândia, o professor Manoel Jevan Gomes observa um título que a cidade perderá em breve. Ali, por enquanto, está a única obra de Oscar Niemeyer feita fora do Plano Piloto — a própria casa, com partes que parecem asas, foi idealizada pelo arquiteto. Com sucessivos adiamentos para conclusão, a Torre Digital, obra também projetada pelo arquiteto, prolonga a exclusividade ceilandense. Aos 25 anos, o antigo lar de repentistas deixou de receber viajantes, devido à falta de estrutura, e planeja voltar a aninhar atividades culturais, sobretudo relacionadas à cultura nordestina, de forte presença na região.

Colaborador da Casa, o professor de história preserva o título em Ceilândia enquanto pode. “Ainda não foi inaugurada”, responde sobre a Flor do Cerrado, transmissora de sinal de televisão digital à qual o Niemeyer também empresta os traços, em construção no Grande Colorado, próxima a Sobradinho.

Das aberturas do segundo andar da Casa do Cantador, é possível se ver, igualmente, a escultura do repentista cearense Patativa do Assaré, feita pelo poeta Alberto Porfírio.

Para o traçado arqueado do local, Niemeyer se inspirou na



música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, que já se apresentou na Casa do Cantador. A construção, na avaliação de Jevan, está alinhada com a origem nordestina de parte da população da cidade. “Os cantadores eram os repórteres do povo. Ninguém melhor para falar dos nordestinos do que os repentistas”, diz. As origens do repente, conforme o professor, remontam aos trovadores da Idade Média.



JANELA DE SAMAMBAIA

“Vai lá, bebê, fazer um café pra gente”, diz, carinhosamente, Ivan Antônio de Alexandria, 37 anos, à mulher, que posava para uma foto na janela do apartamento novo em Samambaia Sul. Claudenice Guedes de Alexandria, 35, nem respondeu. Ficou olhando o lado de fora da janela, pensando enquanto o metrô das 16h passava. Meiga, encostada em uma caixa de madeira ainda embalada, ela conta: “De dia, eu nem vejo a paisagem, não. De noite é que eu gosto de ficar olhando aqui. São bonitas as luzes da cidade”.

Em seguida, o marido emenda: “Eu tô pedindo a Deus pra ninguém construir aqui na frente”, já pensando na expansão imobiliária da cidade. Da janela do casal é

possível ver Taguatinga, ao longe, com todos aqueles prédios altos. No apartamento para onde acabaram de se mudar, moram Claudenice, Ivan, a filha deles e o pai da mulher. Chama atenção a proximidade do prédio em relação aos trilhos do metrô e a barulheira específica. “A gente já se acostumou. Quando fecha a janela, nem dá pra ouvir lá fora”, pontua Claudenice, sorrindo. Também é notório o mato alto perto e entre as estações de metrô de Samambaia Sul e de Furnas. O desleixo do matagal dá uma impressão de abandono, e ainda completam o clima as calçadas sem um transeunte no meio da tarde silenciosa. “No fim de semana, quando tem festa, tem mais gente. Mas no meio da semana é tranquilo, um sossego”, explica a dona de casa, casada há 16 anos com Ivan — com direito a namoro escondido do pai, que agora mora com os dois depois de um infarto.